

# PALESTINA, ACHMED YASSIN, URI AVNERY E AMÓS OZ

Publicamos a seguir, carta enviada à redação de Mundo pelo professor Reuven Faingold, doutor pela Universidade Hebraica de Jerusalém e coordenador de História Judaica no Colégio Iavne, de São Paulo.

A leitura da curta matéria “Um ato de estupidez” (Mundo n. 2, abril de 2004, p. 2), escrita às pressas, após o encerramento da edição, pareceu-me muito tendenciosa. Ela induz o leitor despreparado a concluir que o líder do movimento Hamas, Sheik Achmed Yassin, recentemente assassinado por Israel, era um anjo, um sujeito humanista. Afinal, tratava-se nada mais nada menos que “um líder espiritual cego e tetraplégico que foi emboscado ao sair de seu serviço matinal de orações”. A seguir, o autor coloca que “a lógica dos fatos [assassinato e repúdio internacional ao mesmo] ameaça ampliar ainda mais a espiral de violência na região, eliminando, por ora, as chances de um diálogo pacífico”. E, finalmente, fazendo suas as palavras do líder pacifista israelense Uri Avnery, o autor argumenta que o assassinato “também ameaça a própria certeza de existência do Estado de Israel”.

Tentemos ver agora a realidade nua e crua. O sheik se acidentou quando adolescente em competições esportivas. Foi um homem que já havia sido condenado ao prisão perpétua pela prática de crimes de sangue. Depois de ser libertado, abandonou o

citarmos idéias daqueles israelenses que condenam diariamente as ações do governo de Israel, hoje na figura de Sharon. Por acaso não existem árabes palestinos, principalmente no exílio (fora da Palestina), que abraçam com entusiasmo a causa da paz? Quem de nós não escudou falar das idéias de convivência pacífica entre palestinos e israelenses já propostas pelo escritor Edward Said? Quem não sabe que existe na internet o site “Árabes a favor de Israel” ([www.arabsforIsrael.com](http://www.arabsforIsrael.com)), que nos fala abertamente e sem preconceitos que “Israel tem poucos amigos e neste ponto desejaríamos de expressar aos judeus e israelenses que também existem árabes e muçulmanos, como nós, que os apóiam e desejam seu bem-estar?”. Neste contexto (como o fez o autor da matéria), poderia citar as belas palavras de um intelectual árabe chamado Darwish, que em nome do grupo “Arabs for Israel”, afirmou: “Israel é um Estado legítimo que não representa uma ameaça, mas um trunfo no Oriente Médio”.

Se procurarmos um humanista, alguém que esteja realmente preocupado com as dificuldades do trágico conflito palestino-israelense, com certeza ele não é o sheik Achmed Yassin, nem tampouco o pacifista Uri Avnery. Este lugar, há mais de trinta anos, vem sendo preenchido exemplarmente pelo escritor israelense Amós Oz. Há poucos dias, Amós Oz foi entrevistado na Alemanha por um jornalista

# PALESTINA, ACHMED YASSIN, URI AVNERY E AMÓS OZ

Publicamos a seguir, carta enviada à redação de Mundo pelo professor Reuven Faingold, doutor pela Universidade Hebraica de Jerusalém e coordenador de História Judaica no Colégio Iavne, de São Paulo.

A leitura da curta matéria “Um ato de estupidez” (Mundo n. 2, abril de 2004, p. 2), escrita às pressas, após o encerramento da edição, pareceu-me muito tendenciosa. Ela induz o leitor despreparado a concluir que o líder do movimento Hamas, Sheik Achmed Yassin, recentemente assassinado por Israel, era um anjo, um sujeito humanista. Afinal, tratava-se nada mais nada menos que “um líder espiritual cego e tetraplégico que foi emboscado ao sair de seu serviço matinal de orações”. A seguir, o autor coloca que “a lógica dos fatos [assassinato e repúdio internacional ao mesmo] ameaça ampliar ainda mais a espiral de violência na região, eliminando, por ora, as chances de um diálogo pacífico”. E, finalmente, fazendo suas as palavras do líder pacifista israelense Uri Avnery, o autor argumenta que o assassinato “também ameaça a própria certeza de existência do Estado de Israel”.

Tentemos ver agora a realidade nua e crua. O sheik se acidentou quando adolescente em competições esportivas. Foi um homem que já havia sido condenado à prisão perpétua pela prática de crimes genocídio e, depois de solto, desperdiçou a chance oferecida por Israel de tornar-se um homem digno, até de participar no processo de paz. Preferiu, no entanto, trilhar o caminho do crime, fazendo seu ideal a destruição de todos os israelenses, não importando se eles são de direita ou de esquerda, do movimento Paz Agora (o mesmo de Avnery), de árabes israelenses, ou mesmo de turistas árabes de passagem pelo país, jovens e crianças, homens ou mulheres. Para isso, encorajou homens-bombas, “mártires” suicidas, que poderão alcançar o Paraíso com 40 mil virgens, matando heroicamente indefesos e inocentes. Haja mensagem bonita e humanitária!!

Lembremos também que Achmed Yassin, o cérebro do Hamas, tinha prazer em explodir qualquer tentativa de comum acordo entre palestinos e israelenses. Para isso, perpetrava algum atentado da forma mais abjeta possível, aquela que pudesse produzir o maior horror. Agora mesmo, bastou que Ariel Sharon (por quem não tenho admiração política) anunciasse a total retirada de Gaza até 2005, para que o Hamas detonasse esta iniciativa de paz eliminando dez israelenses e ferindo dezenas. Sua morte, apesar de tudo, deixará claro que a justiça prevalecerá e o crime não compensa.

As mortes de Achmed Yassin e seu sucessor, Abdel Aziz al-Rantizzi, refutam a afirmação equivocada de que possa haver “qualquer ameaça à existência do Estado de Israel”, como afirma Avnery, citado pela matéria de *Mundo*. O pequeno Estado, menor que o estado de Sergipe ou a ilha da Sicília, é considerado na atualidade o melhor exército do mundo.

Finalmente, quero dizer que a escolha de Uri Avnery como fonte de conteúdo da matéria “Um ato de estupidez” não foi a mais feliz. Este escritor israelense, ativista do Gush Shalom (Frente pela Paz), representa apenas uma parte da sociedade israelense. Chegou a hora de deixar de sermos simplistas e

citarmos idéias daqueles israelenses que condenam diariamente as ações do governo de Israel, hoje na figura de Sharon. Por acaso não existem árabes palestinos, principalmente no exílio (fora da Palestina), que abraçam com entusiasmo a causa da paz? Quem de nós não escutou falar das idéias de convivência pacífica entre palestinos e israelenses já propostas pelo escritor Edward Said? Quem não sabe que existe na internet o site “Árabes a favor de Israel” ([www.arabsforIsrael.com](http://www.arabsforIsrael.com)), que nos fala abertamente e sem preconceitos que “Israel tem poucos amigos e neste ponto desejaríamos de expressar aos judeus e israelenses que também existem árabes e muçulmanos, como nós, que os apóiam e desejam seu bem-estar?”. Neste contexto (como o fez o autor da matéria), poderia citar as belas palavras de um intelectual árabe chamado Darwish, que em nome do grupo “Arabs for Israel”, afirmou: “Israel é um Estado legítimo que não representa uma ameaça, mas um trunfo no Oriente Médio”.

Se procurarmos um humanista, alguém que esteja realmente preocupado com as dificuldades do trágico conflito palestino-israelense, com certeza ele não é o sheik Achmed Yassin, nem tampouco o pacifista Uri Avnery. Este lugar, há mais de trinta anos, vem sendo preenchido exemplarmente pelo escritor israelense Amós Oz. Há poucos dias, Amós Oz foi entrevistado na Alemanha por um jornalista da Folha de S. Paulo sobre o conflito árabe-israelense. Duas respostas despertam minha atenção:

*Folha de S. Paulo:* O sr. conta que na sua infância aprendeu como primeiras palavras em inglês a expressão “British, go home!” e que chegou a jogar pedras nos soldados ingleses que ocupavam Israel. Esse passado não faz com que compreenda as crianças palestinas que jogam pedras nos israelenses?

*Amós Oz:* “É claro que consigo me identificar com os jogadores de pedras palestinos. Eu posso comparar eles comigo e posso me lembrar de mim mesmo. A diferença, claro, não é entre mim e esses garotos, mas entre as pessoas que mandam neles, entre as ideologias. Enquanto eu queria que os ingleses voltassem para seu país, (...) os fanáticos islâmicos gostariam que eu sáísse de meu país – e que fosse diretamente ao inferno (...)”

*Folha de S. Paulo:* Das más notícias que o sr. leu esses dias no jornal sobre o conflito Israel-Palestina o que chamou mais a atenção?

*Amós Oz:* “Acho que Israel deveria tirar imediatamente seus acampamentos e suas tropas de Gaza. Ao mesmo tempo não tenho um pingote de admiração pelos fanáticos islâmicos. É uma batalha entre errados e errados. Nós israelenses não devemos estar em Gaza, mas quando sairmos de lá não haverá nenhum paraíso. (...) Também queria aproveitar para dizer as boas notícias que tenho lido no jornal. As boas novas são que a vasta maioria dos judeus israelenses e a vasta maioria dos árabes palestinos estão apoiando em pesquisas de opinião a divisão do território que ocupam em dois Estados. Isso significa que o paciente está, a contragosto, pronto para a cirurgia, mas os cirurgiões são covardes.”

Quem sabe chegará o dia em que as palavras do escritor Amós Oz virem realidade e que naquela região do mundo as pessoas possam viver em plena harmonia e paz, respeitando a diversidade.